

UM CONTO DE RUBENS FIGUEIREDO: A NARRATIVA ONÍRICA

Ana Lucia Trevisan¹
Maria Luiza Guarnieri Atik²

RESUMO:

A narrativa fantástica, como assinala Irene Bessièrre, “provoca a incerteza ao exame intelectual, pois coloca em ação dados contraditórios, reunidos segundo uma coerência e uma complementaridade próprias”. Os dados contraditórios somados à ambiguidade, à dúvida, à presença de personagens introspectivas, estranhas, que procuram a autocompreensão na sua relação com o outro são alguns dos elementos recorrentes na prosa de Rubens Figueiredo. No conto “Os anéis da serpente”, objeto do nosso estudo, o vínculo incomum entre as vidas de duas personagens pelo sonho coloca o leitor diante de um impasse, uma vez que os limites entre a realidade e os estados oníricos do protagonista tornam-se cada vez mais tênues. As relações antagônicas e excludentes de dois níveis significativos de concretização das existências unem-se sob o signo de um anel em forma de serpente. A análise em questão examina os procedimentos de construção do referente buscando apreender o que é real, irreal ou especular em que medida a inversão dos atributos lógicos da percepção e da representação colocam em xeque as expectativas da leitura.

Palavras-chave: Fantástico; Construção do insólito; Sonho; Vigília

ABSTRACT:

Fantastic narrative, as stated by Irene Bessièrre, “causes uncertainty to intellectual examination, because it brings into action contradictory data gathered according to a coherence and a complementarity of their own”. Besides contradictory data, other aspects such as ambiguity, doubt, and the presence of introspective characters, strangers, who seek self-realization in their relationship with the other are some of the recurring elements in Rubens Figueiredo’s narratives. In the short story “Os anéis da serpente”, object of our study, the unusual link, through dream, between the lives of two characters places the reader before a dilemma, since the boundaries between reality and the protagonist’s dreamlike states become increasingly blurred. The antagonistic and excluding relationships of two significant levels of materializing existence get united under the sign of a snake-shaped ring. The present analysis examines the procedures through which the referent is constructed, seeking to apprehend what is real, unreal, or questioning to what extent the reversal of logical attributes of perception and representation challenge the expectations of reading.

Keywords: Fantastic; Construction of the Unusual; Dream; Vigil.

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Em “O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha”,³ Irene Bessièrre ressalta que a narrativa fantástica “provoca a incerteza ao exame intelectual, pois coloca em ação dados contraditórios, reunidos segundo uma coerência e uma complementaridade próprias” (1974, p. 2). Na tradição da literatura fantástica é possível vislumbrar um debate sutil e constante a respeito das muitas formas de percepção da realidade e, no bojo desse questionamento, surge à reflexão sobre a identidade dos sujeitos que experimentam e descrevem as muitas possibilidades de construção do real. A partir de uma reflexão sobre os temas e o processo de estruturação da narrativa dos textos fantásticos é possível entrever um eixo interpretativo da obra do escritor carioca Rubens Figueiredo. Em sua prosa precisa e intimista, que não se restringe ao gênero fantástico, prevalece a tessitura de enredos impregnados pela profundidade de um olhar revelador das perenes inquietações humanas; de enredos que problematizam, sobretudo, a instância identitária do homem, e por extensão, do próprio narrador.

Assim, a presença de personagens introspectivas provoca a desestabilização de um entendimento de mundo mais imediato, tal aspecto conjuga-se às formulações de enredos permeados pelas inquietações, pelas dúvidas e pelas manifestações da ambiguidade. O lugar do sujeito no mundo, assim como a sua relação com as regras nos contextos cotidianos são redimensionadas na obra de Rubens Figueiredo compondo um panorama impactante da contemporaneidade. Em *O livro dos lobos*, coletânea de contos originalmente publicados em 1994, e quase completamente reescritos pelo autor, na edição de 2009, o leitor se depara com a construção da imagem concreta dos lobos e também com as metáforas implícitas a este significante simbólico. E se na primeira edição da coletânea havia uma maior preocupação com o entendimento e a recepção da obra em relação ao leitor, na atual publicação parece prevalecer a ambiguidade e o retardo do desvelamento do insólito.

Os lobos espreitam todos os contos, como o reflexo de um mundo irracional espelhado em meio às racionalidades cotidianas. Em algumas narrativas a imagem concreta dos lobos aparece e rouba a cena, é o caso do conto “Alguém dorme nas cavernas” no qual o jovem Simão sente uma crescente intimidade com estes animais selvagens e passa, então, a construir um enigma que se transforma em metáfora para todas as relações afetivas pautadas na intensidade exacerbada. Nos contos “O caminho de Poço verde” e “Um certo tom de preto” temos personagens que experimentam dilemas referentes à sua identidade. Ora a identidade se desvanece concretamente, como no caso de uma adolescente que se deixa perder em lugarejos remotos, ora são personagens que se fundem nos limites da loucura, revelando as complexas relações que sustentam a memória familiar. As narrativas de Rubens Figueiredo recortam as nuances do cotidiano e expressam o incomodo provocado pelas ações, pelos desejos inconfessáveis ou ainda adormecidos.

Os setes contos que compõem *O livro dos lobos* colocam em pauta o drama de pessoas enclausuradas no próprio pensamento, pressionadas pelos sentimentos e pela razão. No conto “Os anéis da serpente”, objeto do nosso estudo, o vínculo incomum entre as vidas de duas personagens se estabelece mediada pelo sonho e coloca o leitor diante de um impasse, ou seja, as relações antagônicas e excludentes de dois níveis significativos de concretização das existências unem-se sob o signo de um anel em forma de serpente.

³ Bessièrre, Irene. “Le récit fantastique: forme mixte du cas et de la devinette”.

O estudo em questão propõe-se examinar os procedimentos de construção do referente buscando apreender o que é real, irreal ou especular na construção da trama narrativa e em que medida a inversão dos atributos lógicos da percepção e da representação colocam em xeque as expectativas da leitura. A experiência do personagem ou do narrador configura-se como a trajetória da narrativa fantástica e, como tal, deve assegurar a inserção do leitor em um universo de acontecimentos “possíveis”, ao mesmo tempo em que instaura a desestabilização da realidade. No fantástico a dúvida se espalha e observamos como os personagens se posicionam diante de uma manifestação da realidade imersa no insólito. O mergulho intimista favorece a percepção alterada da realidade, como assinala Rosalba Campra:

En la literatura fantástica, en cambio, el desfasaje actúa en otro nivel, todo lo que sucede puede referirse al campo de la experiencia sensorial, de la vivencia del sujeto, y todo lo que sucede es verdad, aunque se trate de verdades discrepantes. Esa discrepancia crea el espacio de la duda. (CAMPRA, 87: 2008)

No conto “Os anéis da serpente” de Rubens de Figueiredo, a narração em primeira pessoa reitera um elemento clássico da narrativa fantástica, uma vez que propõe uma verossimilhança necessária para a cumplicidade do leitor, para uma possível identificação entre ambos e, em seguida, uma surpresa diante dos fatos relatados. No primeiro parágrafo, o narrador-personagem afirma que nunca se preocupou com os sonhos e admite, pontualmente, que dormir sempre foi, para ele, “a origem de muita inquietação”, pois a procura do sono nunca o abandonou.

Nos parágrafos seguintes, existe uma construção recorrente na tradição do conto fantástico, trata-se da referência a um episódio que metaforicamente remete ao desfecho da narrativa. Em certo sentido, essa interrupção, essa construção que remete ao pandeterminismo explorado por Todorov⁴, é também um mecanismo de estruturação que rompe com a cronologia, tradicionalmente desenvolvida na narrativa fantástica e responsável por conduzir o leitor ao clímax da hesitação. No conto, ao resumir uma passagem de um livro de memórias de uma escritora estrangeira, o narrador antecipa de certa forma o desfecho da narrativa, criando uma alusão metafórica ao conflito que marca a narrativa.

Na verdade, não era nada de mais. Uma bobagem, eu sei. Mas naquele livro a escritora contava que escrevia, certa noite, ao lado da cama em que sua mãe dormia. [...]. Ela escrevia uma página de um romance, uma cena em que um violinista executava um improviso empolgado. De manhã, ao acordar, a mãe contou que tinha ouvido durante o sono uma música de violino (FIGUEIREDO, 2009, p. 126).

A fronteira entre sono, sonho e realidade torna-se cada vez mais tênue para o narrador a partir da leitura desse relato, não há, contudo, uma diminuição da tensão, que

⁴ Todorov define pandeterminismo como sendo um determinismo generalizado. Segundo ele, “tudo, até o encontro de diversas séries casuais (ou ‘acaso’) deve ter sua causa, no sentido pleno da palavra, mesmo que esta só possa ser de ordem sobrenatural. [...]. O pandeterminismo tem como consequência natural o que se poderia chamar a “pansignificação”, já que existem relações em todos os níveis, entre todos os elementos do mundo, este mundo torna-se altamente significativo. [...] Em outros termos, a um nível mais abstrato, o pandeterminismo significa que o limite entre o físico e o mental, entre a matéria e o espírito, entre a coisa e a palavra deixa de ser estanque” (1975, p.118, 120, 121).

é um elemento característico e crucial para a narrativa fantástica, ao contrário, instaura os sentidos da ambientação do fantástico e explora os limites da percepção da realidade por parte dos diferentes sujeitos. As interrogações do narrador sobre o real ou sobre os acontecimentos presentes em seu sonho não se separam da questão da identidade e da busca da própria salvação.

A partir do momento em que o sonho com um “mesmo homem”, cujo semblante demonstra agressividade, raiva e impaciência, manifesta-se continuamente no seu cotidiano, o narrador sente que a integridade de sua identidade humana esta cada vez mais ameaçada. A passagem da vigília para o sono torna-se, assim, uma espécie de fatalidade, pois o narrador está convicto que o “homem” está à espera, à espreita, pronto para se manifestar em seu sonho.

O sonho torna-se mais próximo e ameaçador, pois assume os contornos de uma vida paralela, na qual se insere o narrador. Um sonho confuso, repleto de saltos e interrupções, cujos fragmentos ele tenta juntar na tentativa de ordená-los de uma forma lógica. Em outros momentos a cisão entre a realidade e o estado onírico parece-lhe impossível, pois algumas partes do sonho se fixam de forma tão marcante em seu pensamento que não consegue apagá-las da memória. Aos poucos já não se espanta com as imagens oníricas, com a sensação do *déjà vu*, e o que lhe parecia estranho deixa de ser visto como exceção e passa a ser regra a partir do qual a sua racionalidade se constitui.

A ambiguidade no texto está localizada no interior da própria racionalidade do narrador-personagem, na sua incapacidade de tomar as rédeas do mundo que foi por ele mesmo criado. Do ângulo de visão do narrador, o homem dos seus sonhos, o segurança da boate, também dormia e sonhava; também unia fragmentos de sonhos. Ele, porém, nunca conseguiu penetrar nos sonhos do outro, mas tinha certeza que tudo que ocorria na sua vida, era do seu conhecimento.

Se o fantástico do século XIX marca a fratura da racionalidade, mostrando que esta não é suficiente para dar conta da totalidade dos elementos exteriores ao sujeito, na narrativa de Rubens Figueiredo, o narrador situa-se no centro do relato e depara-se com situações de absurdo desconcertante. Assim, o ângulo de visão é o de quem se acha envolvido em uma realidade desconhecida em seus limites. Suas próprias ações tecem uma analogia entre o sonho e a sua experiência existencial, diluindo os sentidos do mundo em que ele vive como podemos constatar no fragmento abaixo:

[...] A mecânica das simetrias já manobrava meu pensamento. Um jogo que resolvia os problemas no meu lugar.

Certo dia, depois do trabalho, resolvi ir ao cinema, o que me deixaria acordado até mais tarde do que era de costume. Disse “resolvi”, mas hoje parece mais correto, mais sensato, dizer que fiz força para acreditar que era uma decisão minha. Cochilei um pouco durante o filme e quando a sessão terminou vim para rua e peguei o mesmo ônibus de todo dia. Só mais tarde, já sonhando, fui lembrar que tinha esquecido o guarda-chuva enfiado no vão estreito entre o banco e a parede do ônibus. Era noite de folga do segurança da boate, e no meu sonho, assim que ele sentou no ônibus para cumprir sua ronda, fez gestos de quem procura alguma coisa. Num instante encontrou meu guarda-chuva no lugar onde eu mesmo o havia deixado.

A lógica era apenas um dos elementos que o sono tomava emprestado da vigília [...]. (FIGUEIREDO, 2009, p.134 - 135).

O narrador teme a proximidade da realidade sonhada. O sono e o medo andam sempre juntos no seu dia a dia. Não tem certeza o que, de fato, deve temer, mas sente uma necessidade premente de se livrar daquele sonho. E logo, a seguir, o narrador nos diz: “o sonho do segurança traçava uma espécie de órbita ao redor de minha vigília. Uma órbita que aos poucos se estreitava” (FIGUEIREDO, 2009, p. 135).

Simultaneamente, o narrador nos relata outra experiência que vivencia no seu ambiente de trabalho. Da janela ao lado de sua mesa de trabalho vê outras janelas de escritórios, que se estendem por todas as direções da paisagem de concreto. Uma das janelas, contudo, lhe chama a atenção. Inúmeras vezes, ele detém-se em observar “uma mulher morena, de mãos compridas e cotovelos ágeis que se flexionavam com leveza” e que “tinha um sorriso sincero e se vestia de jeito discreto” (FIGUEIREDO, 2009, p. 130).

A realidade circundante ganha espaço no interior da trama narrativa. O narrador institui-se, neste momento, como um espectador, que observa sem ser visto. A narrativa se organiza, então, pela voz de um observador confesso, que é capaz de apreender detalhes que seriam impossíveis de serem notados por outra pessoa.

No conto em questão, a visão indireta é decorrente de uma técnica criada pelo próprio narrador. Num primeiro momento, é uma questão de olhar fixamente o foco escolhido, eliminado o redundante, e tirando “vantagem do fato de que é sempre a mesma pessoa que está ali, uma pessoa que forçosamente repete elementos de alguma rotina” (FIGUEIREDO, 2009, p.130). E, a seguir, circunscrever com firmeza o próprio pensamento, impedindo que “a mente fique pairando ociosa” (FIGUEIREDO, 2009, p.130). Assim, gradualmente, os pequenos detalhes revelam-se e tornam-se mais próximos e nítidos.

Tão próximos, que o narrador afirma acompanhar a respiração da mulher, “a sentir o momento em que ela” inspira; a quase ouvir “a fricção do ar de passagem pela garganta, pelas narinas” (p.131). A visão corrobora neste processo de imaginação, permitindo-lhe romper a barreira entre o mundo racional e o mundo das percepções. Cria-se, pois, uma simbiose entre ele e o outro. A partir dessa questão é possível estabelecer um diálogo com o conto “As ruínas circulares”, de Jorge Luis Borges. Neste relato um homem decide e consegue sonhar um outro homem de maneira integral e perfeita. Noite após noite ele sonha, constrói em sonho um filho e é capaz de deixá-lo nascer. No desenlace, observa-se que este homem que sonhava era também fruto de um sonho de outro, ele era também um simulacro. Nesse relato o fantástico estabelece uma desestabilização dos preceitos que definem a realidade e o sonho.

Segundo Todorov, na narrativa fantástica, os “temas do eu” podem ser designados como “temas do olhar”, devido à importância que assumem a observação e a percepção. Os temas do “eu”, como a multiplicação da personalidade, o pandeterminismo, a ruptura entre o sujeito e o objeto ou a transformação do tempo e do espaço, “concernem essencialmente à estruturação da relação entre o homem e o mundo; estamos, em termos freudianos, no sistema *percepção-consciência*” (Todorov, 1975, p.128).

A percepção, a consciência e o sonho do narrador fazem parte da própria elaboração formal da trama textual, para o tratamento do tema do desdobramento do sujeito e, o da estrutura abismal da narrativa. É possível observar em cada um desses recursos blocos de significação, que se articulam na complexa rede de relações da história dentro da história. A preocupação do narrador autodiegético é relatar os fatos vivenciados e os sonhos que o atormentam, para poder compreender como a vigília e o

sono interpenetram-se numa relação especular. Suas reflexões, contudo, reduplicam as suas próprias reflexões, como podemos constatar nos fragmentos abaixo:

Eu me irritava agora ao ver, no sonho, toda noite, meu guarda-chuva pendurado no quarto do segurança. Parecia provocação. A presença da mulher na boate só vinha piorar as coisas. Comecei a ter a impressão de que eu vivia num plano inclinado, de que essa inclinação se acentuava e assim tudo à minha volta tendia a deslizar na mesma direção, para baixo, onde ocorria o meu sonho. Lá no fundo, o homem da cicatriz no peito aguardava, pronto para recolher o que caísse (FIGUEIREDO, 2009, p. 136).

Agora, de dia eu via a mulher na janela, e de noite eu a via no meu sonho. Não toda noite, claro, mas o fato é que ela voltava outras vezes à boate. Como não podia deixar de ser, pouco a pouco passou a ficar mais à vontade. [...]. O segurança, que no início se limitava a olhar de longe para ela, passou a sorrir e cumprimentar. Até que uma noite ele ajudou a moça a se livrar de um homem inconveniente, de aspecto um pouco ameaçador (FIGUEIREDO, 2009, p. 139).

Assim como os espelhos convexos redimensionam na pintura flamenga o espaço limitado da tela, em “Os anéis da serpente”, os sonhos encaixados na narrativa desdobram os episódios da ação central, criando a ilusão de profundidade, de estar vertiginosamente em abismo. O narrador procura se encontrar no mundo real, que inclui outro mundo (o dos sonhos) que, por sua vez, inclui o seu mundo particular (as vivências do cotidiano).

Entretanto, o narrador vive o drama sonhado como se ele existisse realmente fora da imaginação. A consciência da realidade se oblitera na medida em que o sonho passa a se manifesta independente de sua vontade, mesmo nos momentos de vigília, por meio de uma série de imagens, cujo desenvolvimento se configura de forma mais ou menos concatenada.

A trama principal se desenrola entremeada por outras narrativas e, assim, estabelece-se uma rede de conexões entre a situação consciente vivida pelo narrador, as imagens de seu sonho e a mudança de comportamento do próprio segurança. Logo, para o narrador, combater a presença “daquele homem”, significava combater o próprio sono. A sua resistência ao sono, contudo, representa uma perturbação na vida do segurança. Este passou a ser acometido por “sonolência ou desmaios súbitos” em qualquer lugar e “seus amigos zombavam dele”, “chamavam-no de velho, senil, fracote” (FIGUEIREDO, 2009, p.137).

Nesta rede de conexões, o insólito ganha cada vez mais concretude. O próprio narrador nos relata um fato extraordinário que acontecera certa noite:

alguma interseção sutil, algum fio correu no frouxo nó que ligava meu sono incompleto aos desmaios abruptos do segurança. Sonhamos os dois ao mesmo tempo e sonhamos com uma cobra. [...] Rastejava entre a grama, a caligrafia de um S. O couro do animal era quase dourado, rodeado por uma série de listas negras, paralelas, como anéis. De vez em quando as escamas faiscavam, refletiam um sol quase horizontal. As listas pretas confundiam-se com as sombras que a grama estendia sobre a terra (FIGUEIREDO, 2009, p.137).

O sonho comum e compartilhado por meio de um Eu onírico rompe os limites entre o desejo inconsciente do sonhador e a realidade. O segurança, ao acordar do seu desmaio, apalpa “instintivamente o anel de serpente no dedo” e o narrador, ao despertar, sente uma alegria inexplicável, entrevê “naquela confusão” um meio de se libertar. Seria, pois, um sonho dentro de outro sonho? O próprio narrador hesita, quando diante de outra situação, ao olhar fixamente para a mão moça do escritório ao lado do seu, vê o anel de serpente do segurança em seu dedo. Neste momento, conclui que uma parte de seu sonho ganhava concretude em sua vigília.

Para o narrador, este acontecimento inusitado era pleno de significação: o anel de serpente era, pois, a sua salvação. O segurança havia convencido a mulher “a provar do fruto proibido para inverter e restaurar o equilíbrio” a seu favor (FIGUEIREDO, 2009, p.141). A partir desta constatação, o narrador espera até o fim do expediente para colocar o seu plano em ação, o de seguir a moça até a sua residência para roubar-lhe o anel. Ao consegui-lo, sente uma sensação de paz, mas novamente a sua hesitação se manifesta ao contemplar as ruas ou as pessoas, ao longo do seu trajeto, pois tem a sensação de que será “a última vez que” verá “tudo aquilo” (FIGUEIREDO, 2009, p.142). O elo entre a realidade e a projeção do novo, que o narrador vai aos poucos manifestando, intensifica a sensação de que, apesar da estranheza dos acontecimentos, tudo está em conformidade. É como se ele esperasse pelos acontecimentos que relata num caminho sem volta.

Segundo Jung, a serpente “é um vertebrado que encarna a psique inferior, o psiquismo obscuro, o que é raro, incompreensível, misterioso” (*apud*, CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. 1999, p.814). Assim, do ponto de vista psicanalítico, o homem e a serpente são opostos complementares, rivais. O anel dourado, em forma de serpente, passa do dedo do duplo para o do narrador, e como num jogo de espelhos, o psiquismo obscuro, o que é “incompreensível” e “misterioso” parece aflorar num atmosfera contraditória de sonho e realidade. Entretanto, por meio do processo de inversão e reversibilidade inerente ao texto, nem o segurança nem o próprio narrador conseguem despertar, os dois estão presos pelo “anel do mesmo sono”.

Os anéis da serpente, dourados e negros, trazem o sonho para a realidade ou a realidade para o sonho. Talvez o insólito, no conto, possa se explicar pela liberação dos desejos adormecidos, pela indagação reflexiva a respeito da percepção da realidade e, em última instância, sobre o a identidade do sujeito. Afinal, a consciência do “ser” pode manifestar-se tanto na concretude do mundo empírico como na realidade do universo onírico, em ambos os casos é na construção discursiva, na palavra que se legitima a capacidade de interagir e criar os muitos mundos possíveis. Em outras palavras, a especificidade do fantástico manifesta-se na própria escritura do conto.

REFERÊNCIAS:

BESSIÈRE, Irène. Le récit fantastique: forme mixte du cas et de la devinette. In: *Le récit fantastique. La poétique de l'incertaine*. Paris: Larousse, 1974, pp. 9-29. Tradução de Biagio D'Angelo. Colaboração de Maria Rosa Duarte de Oliveira.

CAMPRA, Rosalba. *Territorios de la ficcion. Lo fantastico*. Espanha: Renascimento, 2008.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. 14. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1999.

FIGUEIREDO, Rubens. *O livro dos lobos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Recebido em 02-07-2012 Aprovado em 22-08-2012
--